



Universidade de Brasília

LINDAMAR ROSENDO DA SILVA

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

Quais são os motivos para uma mulher agredida permanecer com seu agressor?

Brasília, Agosto de 2016

LINDAMAR ROSENDO DA SILVA

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER
Quais são os motivos para uma mulher agredida permanecer com seu agressor?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília como requisito final de
conclusão do Curso – Segurança Pública de 2014.

Orientadora: Dra. Lourdes Maria Bandeira

Brasília, agosto de 2016.

LINDAMAR ROSENDO DA SILVA

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER
Quais são os motivos para uma mulher agredida permanecer com seu agressor?

Banca Examinadora composta para a defesa de Monografia para obtenção do grau de Pós-Graduação, Especialização em Segurança Pública com Cidadania.

APROVADA em: 05 de agosto de 2016.

Professora-Orientadora: Dra. Lourdes Maria Bandeira

Professora Convidada: Dra. AnaliaSoria

Brasília, 05 de agosto de 2016.

SILVA, Lindamar Rosendo.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: Quais são os motivos para uma mulher agredida permanecer com seu agressor? / Lindamar Rosendo da Silva – Brasília, 2016. 53 fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Especialização)– Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, 2016.

Orientadora: Prof. Dra. Lourdes Maria Bandeira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres que sonham, acreditam e fazem de suas experiências, ainda que dolorosas, um motivo para seguir em frente. São mulheres guerreiras, determinadas e valentes, que merecem todo o respeito, por meio dessas histórias, vidas são transformadas e laços e correntes são quebrados. Os relatos contribuíram não somente para a minha tese, mas para uma visão realista do que somos capazes de suportar e fazer por amor.

Aos meus pais: Antônio Rozendo da Silva e Aparecida Augusta Gomes por terem me incentivado a buscar novos conhecimentos. As amigas: Ângela Paixão; Elisangela Lopes; Eleonora Maria e Vanessa Ribeiro, por me incentivarem a prosseguir, quando em meio às tempestades eu quis desistir.

Dedico também aos meus filhos, Afonso da Silva Carvalho e Victor Augusto Rosendo Galvão.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Ministério da Justiça e a Secretaria Nacional de Segurança Pública pela oportunidade do Curso de Especialização em Segurança Pública com Cidadania.

Ao corpo docente e a Coordenadora do Curso, Doutora AnaliaSoria, pelo esforço e dedicação para que fosse possível a conclusão do curso.

A Renata Souto pelo respeito, empenho e carinho com que tratou os alunos, durante do o período do curso.

A Universidade de Brasília pela parceria com o Ministério da Justiça por meio da Secretaria de Nacional de Segurança Pública em ofertar a 5ª turma de especialização em Segurança Pública com Cidadania.

À Professora Doutora Lourdes Maria Bandeira pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Agradeço especialmente, todas as mulheres que contribuíram com o meu trabalho através dos depoimentos.

ABREVIATURAS

LPM – Lei Maria da Penha;

PROVID – Prevenção Orientada à Violência Doméstica;

CEAM – Centro Especializado em Atendimento à Mulher;

APAV – Associação portuguesa de Apoio às Vítimas.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Tipo de violência relatada

Registrada pelas mulheres no Disque 180 no 1º semestre de 2015.....12

GRÁFICO 2 – Quem é o agressor?

Destaca o tipo de vínculo ou relação que a mulher tem com o agressor13

GRÁFICO 3 – A mulher é bem tratada?

Percepção do desrespeito contra a mulher.....26

GRÁFICO 4 – O que acontece com casal em casa não interessa aos outros

Tolerância social à violência contra a mulher.....34

RESUMO

Apesar de ser um crime de grave violação de direitos humanos, a violência contra as mulheres segue vitimando milhares de brasileiras reiteradamente. Há dificuldade em reconhecer a violência moral e emocional, que se caracteriza na desqualificação, na humilhação, percebe-se que é ainda pouco reconhecida pelas entrevistadas, não que passe despercebida, mas que é difícil de se conscientizar[tomar conhecimento]de que ela existe. Trata-se de um estudo qualitativo com a utilização de entrevistas semiestruturadas, tendo como objetivo coletar os depoimentos, narrativas e informações de mulheres que sofreram agressão de seus respectivos maridos ou companheiros. Este trabalho teve por finalidade entender ou analisar porque algumas mulheres permanecem, ou permaneceram com os seus agressores, após sofrer e/ou vivenciar reiteradamente situações de violência doméstica, sobretudo com violência física. A falta de estrutura familiar foi um causador de conflitos internos e fresta de possibilidades para um casamento, ou namoro falido. Famílias são dilaceradas pela violência, com isso as mulheres em busca de um socorro, tentam encontrar no casamento uma base para a construção de uma vida melhor, no entanto, acabam caindo na mesma situação ou numa situação pior de violência. A baixa autoestima, não necessariamente se inicia com o casamento ou o relacionamento com um parceiro, mas pode ter origem familiar, ou seja, é anterior ao relacionamento. A falta de estrutura familiar foi um causador de conflitos internos e fresta de possibilidades para um casamento, ou namoro falido.

Palavras-chave: *violência; tipo de violência; motivos; rompimento.*

ABSTRACT

Despite being a crime of serious violations of human rights, violence against women follows victimizing thousands of Brazilian repeatedly. It is difficult to recognize the moral and emotional violence, which is characterized in disqualification, humiliation, it is clear that it is still not recognized by the interviews, not to go unnoticed, but it is difficult to be aware [becomes aware that it exists. This is a qualitative study using semi-structured interviews, aiming to collect the testimonials, stories and information of women who were abused by their husbands or partners. This study aimed to understand or analyze why some women remain, or remain with their abusers after suffering and / or repeatedly experience situations of domestic violence, especially physical violence. The lack of family structure was a cause of internal conflict and crack possibilities for a wedding or dating bankrupt. Families are torn apart by violence, thus women in search of help, try to find in marriage a basis for building a better life, however, they end up falling in the same situation or worse off violence. Low self-esteem, not necessarily begins with the marriage or the relationship with a partner, but may have family origin, that is, prior to the relationship. The lack of family structure was a cause of internal conflict and crack possibilities for a wedding or dating bankrupt.

Keywords: violence; type of violence; grounds; disruption.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVO-objeto pesquisado	14
3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
4.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
4.1. A violência de gênero e a recusa da ruptura por parte da mulher	23
5. LEI MARIA DA PENHA E CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA	28
6. BUSCANDO ENTENDER O PORQUÊ DAS AGRESSÕES	30
7. DESMISTIFICANDO A VIOLÊNCIA	33
8. ENTENDENDO O CICLO DA VIOLÊNCIA.....	37
9. POR QUE ELAS PERMANECEM OU PERMANECERAM POR MUITO TEMPO COM O AGRESSOR	42
10.OBSERVAÇÕES GERAIS	44
11.CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXO No. 1	53

1 INTRODUÇÃO

A mulher tem alcançado muitas conquistas, principalmente na carreira profissional; no entanto, algumas mulheres parecem estar alheias a estas conquistas. Não podemos analisar a questão da violência doméstica contra a mulher sem citarmos a importância que teve o movimento feminista.

O **feminismo**¹ “é um movimento que tem origem no ano de 1848, na convenção dos direitos da mulher em Nova Iorque. Este movimento adquire cunho reivindicatório por ocasião das grandes revoluções. As conquistas Revolução da Francesa (1789), que tinha como lema Igualdade, Liberdade e Fraternidade, são reivindicadas pelas feministas, pois acreditavam que os direitos sociais e políticos adquiridos a partir das revoluções deveriam se estender a elas enquanto cidadãs. Algumas conquistas podem ser registradas como consequência da participação da mulher nesta revolução, um exemplo é o divórcio. Os movimentos feministas são, sobretudo, movimentos políticos cuja meta é conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, isto é, garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente à dos homens. Além disso, os movimentos feministas são movimentos intelectuais e teóricos que procuram desnaturalizar a ideia de que há uma diferença entre os gêneros. No que se refere aos direitos das mulheres, não deveria haver diferenciação entre os sexos. No entanto, a diferenciação dos gêneros é naturalizada em praticamente todas as culturas humanas. A luta dos movimentos feministas não se esgota na equalização das condições de trabalho entre homens e mulheres. Trata-se de modificar a concepção, naturalizada, de que a mulher é mais “frágil” que o homem”. (ARAÚJO, Brasil Escola S.P -2016).

BANDEIRA (2005).² Diz que o movimento feminista teve muita influência ao combate à violência de gênero: “por um lado, visibilizou a violência da qual as mulheres eram as “vítimas preferenciais”. Ao mesmo tempo, retirou-o da esfera da vida privada e familiar,

¹Fonte: *Brasil Escola*. Por Francisca Socorro Araujo
<http://www.infoescola.com/sociologia/feminismo>

²Citação da Bandeira no Dossiê: Gênero e feminismo(s): novas perspectivas teóricas e caminhos sociais Vol.29 número 2, p.453, maio/agosto 2014.

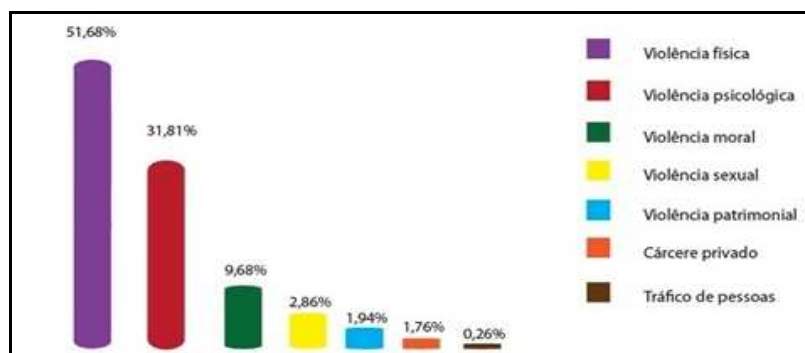
legitimando-o como problema político e de saúde pública, envolvendo os direitos humanos das mulheres.”

Pretende-se, a partir de um estudo de caráter qualitativo, o qual permite uma análise subjetiva dos depoimentos colhidos, investigar os principais motivos que fazem com que as mulheres sejam as vítimas ‘preferenciais’ de violência doméstica.

A Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal³ registrou 6.938 ocorrências de violência doméstica na capital durante o primeiro semestre de 2015 – uma média de 38 casos por dia. Segundo a pasta, a maior parte dos agressores é formada pelos próprios namorados, maridos ou companheiros das vítimas. Os dados apontam que 69% dos crimes se concentram em dez regiões. As áreas com mais denúncias são Ceilândia, com 17%; Planaltina, 9,3%; Gama, 6,7%; Samambaia, 6,4% e Recanto das Emas, com índice de 6,4%. Em 2015, 19 mulheres foram assassinadas por maridos ou namorados, sejam “ex” ou atuais no Distrito Federal. O número equivale a uma morte a cada dez dias. Os dados são da Secretaria de Segurança do DF e se referem aos seis primeiros meses deste ano. Nesse período, um total de 6.938 mulheres foram vítimas de violência doméstica - que além de homicídios inclui ameaça, injúria, lesão corporal, violação de domicílio, estupro, cárcere privado e maus tratos.⁴

Segundo a Central de Atendimento à Mulher – Disque 180/SPM, o Distrito Federal tem a maior taxa de denúncias de violência, com 60 ligações a cada 100 mil mulheres.

Gráfico 1 - Tipo de Violência Relatada Registrada pelas mulheres no Disque 180 no 1º. Semestre de 2015.



Fonte: Central de atendimento à mulher – Ligue 180/SPM 25/11/2015

³<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/08/em-seis-meses-df-registra-69-mil-casos-de-violencia-contra-mulher.html>

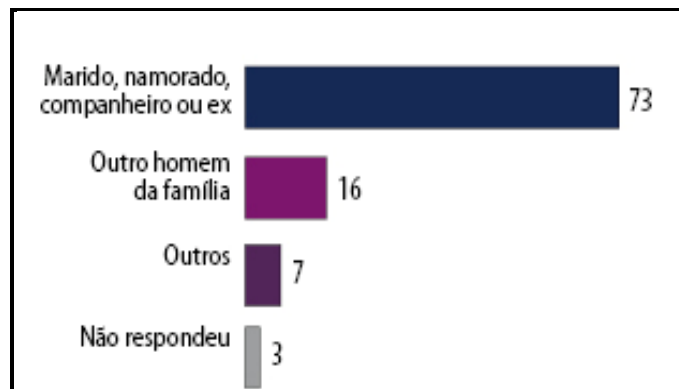
⁴<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/08/em-seis-meses-df-registra-69-mil-casos-de-violencia-contra-mulher.html>

Observa-se no Gráfico n. 1 que a maior incidência de violência praticada contra a mulher é a violência física que atinge mais de 50% dos registros, seguida pela violência psicológica. Observa-se que a violência sexual não tem maior expressividade, provavelmente, porque muitas mulheres, não sabem [ou não admitem] que a violência sexual pode ocorrer entre casais quando é cobrada a “obrigação” de fazer sexo, por exemplo.

Apesar de ser difícil determinar as causas ou motivações que podem levar a violência, provavelmente a maioria dos homens se atribui a necessidade de controlar o corpo da mulher e, para isso, acabam por exercer a dominação sobre a mulher; possuem sentimento de domínio sobre a mulher; têm medo da independência da mulher; ou medo de perder a posição de “chefe da família”, e uma das formas de controle é exatamente a violência sexual.

Gráfico 2 - Quem é o agressor?

Destaca o tipo de vínculo ou de relação que a mulher tem com o agressor.



Fonte: Fonte: DataSenado (11 de agosto de 2015)

Esta informação reforça os dados do gráfico anterior ao evidenciar que a violência é praticada, majoritariamente (73%) pelo homem-agressor que mantém algum tipo de relacionamento pessoal-afetivo com a agredida. O agressor pode “criar vários motivos” para a agressão: falta de amor, incompatibilidade de gênero, ciúmes, suspeita de adultério, machismo, tradição familiar. Mas o que importa entender neste estudo é o porquê de muitas mulheres permanecerem, ou voltarem a conviver com o seu agressor.

“Sendo a origem biológica ou não, fato é que a mulher foi vítima durante séculos, das mais variadas formas de discriminação. O único prestígio a ela estava relacionado com o fato de ser capaz de perpetuar a vida, sendo condicionada a exercer a sua sexualidade apenas para a reprodução, única justificativa para sua existência”. (HERMANN, 2007, p. 50).

2.OBJETIVO-objeto pesquisado

Este trabalho teve por finalidade entender ou analisar porque algumas mulheres permanecem, ou permaneceram com os seus agressores, após sofrer e/ou vivenciar reiteradamente situações de violência doméstica, sobretudo com violência física.

De acordo com BANDEIRA, (2014. p.461) “ Há o pressuposto de que a violência contra mulheres é um tipo de violência apreendida no decorrer dos processos primários de socialização e deslocada para a esfera da sociedade em momentos secundários da socialização e na sociabilidade da vida adulta. Por outro lado, as pesquisas informam que, dentre os motivos que dificultam o rompimento da relação violenta, estão atos e sentimentos apreendidos sócio culturalmente: a esperança de que o agressor mude de comportamento, o medo de represálias e novas agressões, o medo de perder a guarda dos filhos, a censura da família e da comunidade, a dependência afetiva e econômica, dentre outros problemas”.

Diante disso, pode-se levantar algumas hipóteses que nos direcionam a conhecer as causas de permanência em uma inter-relação violenta.

1. A maioria das mulheres que se submeteram, ou se submetem é por que são dependentes financeiramente do seu agressor? Confirmamos isso na fala da entrevistada:

“Era, sempre fui dependente dele sim. Do pai das minhas filhas eu dependia pra tudo. ” (Sofia)

Ou seja, a condição de ser dependente economicamente do marido ou companheiro, sobretudo quando há filhos descendentes da relação, isso faz com que as mulheres acabem aceitando, se ‘submetendo’ a conviver com o companheiro agressor em bem dos filhos. Isso, no geral, é considerado pelas mães, como um sacrifício em prol dos filhos. Nessa condição de ‘sacrificar-se’, muitas vezes a mulher acaba permitindo se tornar objeto da violência.

2. Que tipos de violências às mulheres que conviviam em situação de violência eram mais submetidas e por quê? Vejamos alguns exemplos que a entrevistada relata:

“Ele me deu uma surra no final do ano, na virada de ano e eu não voltei. Então, aí todo mundo achou assim, ah porque ela tem outro, mas não foi, é que eu não aguentei mais. Ele me batia por tudo, se eu usasse um short, se eu usasse um batom, tudo era motivo. ” (Sofia).

É necessário observar que prevalece uma incredulidade nas palavras e nas atitudes das mulheres; isso vale tanto para as instituições quanto para o senso comum. O relato de Sofia deixa essa questão muito transparente. É comum se observar que quando uma mulher agredida vai a uma delegacia, mesmo sendo na DEAM, muitas vezes, é questionada sobre a veracidade daquele relato, do tipo, *mas você não provocou a raiva dele? Você tem certeza de que não é culpada?* O mesmo ocorre no plano do senso comum; ou seja, é mais fácil pensar que tenha outro [um amante] do que seu marido ou companheiro tenha a agredido.

3. Elas tinham expectativas da mudança do companheiro? Observamos na fala da entrevistada:

“Não denunciei porque ele me pedia perdão, chorava, dizia que não ia mais acontecer, que estava arrependido, eu acreditava, passava uns dias ele ficava muito bom, daí tudo voltava ao normal de novo, e ele me agredia novamente”. (Lili)

A condição de credulidade da mulher é sem dúvida uma situação paradoxal: se por um lado, ela quer manter a relação e com isso desculpa o seu marido ou companheiro pela agressão, uma vez que se faz de vítima, pede perdão, etc.; por outro, ela somente estaria adiando uma situação que vai se repetir e cada vez com maiores riscos de violência. Em alguma medida ela tem ‘consciência’ desse processo, mas não tem coragem para romper. Não se trata de uma crítica a mulher, mas de uma observação que indica o quanto deve ser difícil ter que romper com ele, sobretudo, se dele ela depende.

4. A sociedade, a família, o grupo próximo de amigos influenciam de alguma forma na decisão de permanecer na situação de violência?

Evidente que muitas são vulneráveis as influencia familiares e do grupo de referência, uma vez que ainda há muito preconceito em relação à mulher que se separa, não apenas pela incredulidade de suas ‘razões’ como também pelas dificuldades que passa a enfrentar, muitas vezes até com seus próprios filhos acabam por culpá-la.

“Eu queria manter o meu status de mulher casada, perante a sociedade, porque a sociedade também julga muito a mulher divorciada com dois filhos, e eu pensava muito na criação dos meninos longe do pai. Como eu fui criada longe de pai, eu sofri muito preconceito com isso, as pessoas me julgavam e diziam que eu não ia ser boa coisa, porque não tinha um pai, então eu não queria isso pra eles”. (Lili)

Diante das questões propostas acima e expostas nas respostas das entrevistadas, ficam evidenciadas, nas falas destas mulheres, como é difícil de romper e como a violência moral não é percebida pela mulher como forma de violência e algumas supõem que apenas a violência física, isto é, a agressão se configura como violência sujeita a denúncia. Neste contexto, essas mulheres permanecem ou suportam por um longo período uma condição de violência. A (Lili)⁵ e a (Sofia)⁶ exemplificam esta situação ao afirmarem que:

“Na verdade, a nossa relação de violência começou desde o namoro, eu era muito ciumenta e ia cobrar dele e agente meio que se agredia. Até então eu achava que estava tudo normal”. (Lili)

“Já sofri violência, agressão física, palavras, em palavras, e agressão em palavras também. Acho que não foi bem uma violência sexual, mas foi meio que forçado né? Também? Acaba sendo né? Mesmo a gente achar que não. Acaba que foi”. (Sofia)

Há dificuldade em reconhecer a violência moral e emocional, que se caracteriza na desqualificação, na humilhação, percebe-se que é ainda pouco reconhecida pelas entrevistas, não que passe despercebida, mas que é difícil de se conscientizar[tomar conhecimento] de que ela existe.

O reflexo tardio da internacionalização dos direitos humanos reconheceu a violência doméstica em suas diversas manifestações e criou mecanismos de proteção à vítima e punição severa ao agressor.

Apesar de ser um crime de grave violação de direitos humanos, a violência contra as mulheres segue vitimando milhares de brasileiras reiteradamente: 38,72% das mulheres em situação de violência sofrem agressões diariamente; para 33,86%, a agressão é semanal. Estes dados foram divulgados no Balanço dos atendimentos realizados de janeiro a outubro de 2015

⁵Nome fictício de EL de 37 anos, morador de Samambaia. Entrevista concedida em 14/05/2016

⁶ Nome fictício dado a SH , de 34 anos, moradora da Samambaia. Entrevista concedida em 07/12/2015.

pela Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR).

Embora tenha aumentado o número de denúncias, muitas mulheres ainda se excluem da proteção do Estado e da sociedade. De janeiro a junho de 2015, a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 – realizou 364.627 atendimentos, uma média de 60.771 ligações por mês, 2.025 ao dia. Em todo o ano de 2014, foram 485.105.

É certo que a lei sozinha não mudará o comportamento patriarcal⁷ que foi construído ao longo do tempo. Sabemos que a mudança é lenta, progressiva, no entanto, não se pode banalizar o violento conflito intrafamiliar, ou fingir que não existe, ou ainda, que é responsabilidade somente do Estado e da família. Para o homem, não romper com o pensamento machista, deve-se ao fato de assumir uma postura cômoda de ter o poder de decisão e, às vezes, de opressão; pois o sentimento de poderio massageia o seu ego machista, porém uma mulher se permitir ser forçada a um comportamento de submissão e ter os seus desejos e projetos frustrados por uma pessoa opressora é que me leva a pesquisar sobre a violência contra mulher no âmbito domiciliar.

“De modo geral a violência é, pois, o ato de brutalidade, constrangimento, abuso, proibição, desrespeito, discriminação, imposição, invasão, ofensa, agressão física, psíquica, moral ou patrimonial contra alguém, caracterizando relações que se baseiam na ofensa e na intimidação pelo medo e pelo terror”. (CAVALCANTI, 2007, p. 29).

O artigo 6º, da Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha diz que a violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos. A violência contra a mulher é uma das principais formas de violação dos seus direitos humanos, atingindo-as em seus direitos à vida, à saúde e à integridade física.

Claro que qualquer violência, independentemente da causa, ou circunstancia é uma violação dos direitos humanos, contudo, a violência de um homem (marido/companheiro), vai além desta violação. Destrói sonhos, expectativas, esperança, destrói literalmente a família.

⁷O modelo patriarcal, como o próprio nome indica, caracteriza-se por ter como figura central o patriarca, ou seja, o “pai”, que é simultaneamente chefe do clã (dos parentes com laços de sangue) e administrador de toda a extensão econômica e de toda influência social que a família exerce. Fonte: Brasil Escola.

“Há um enorme desequilíbrio de poder entre homens e mulheres – e a violência talvez seja a evidência mais cruel desse desequilíbrio”. (Nilcéa Freire, ex-ministra de Políticas para as Mulheres e atual representante da Fundação Ford no Brasil)⁸.

A LMP que deu um melhor embasamento sobre significado de violência contra a mulher, que poderia encorajar a mulher a denunciar, e pôr fim à impunidade, parece não estar ao conhecimento e alcance para muitas mulheres. De acordo com o Artigo 22 da LPM, a lei oferece várias medidas de proteção desde a integridade física a patrimonial para a mulher. Prevê a saída do agressor de casa, a proteção dos filhos, direito da mulher rever seus bens e cancelar procurações feitas pelo agressor e até uma distância mínima para ele se manter em relação à vítima. Em casos extremos, o juiz pode direcionar a mulher para um abrigo. Todavia, a lei parece que não foi o suficiente para encorajar, ou esclarecer ao ponto dessas mulheres de saírem imediatamente dos seus agressores, algumas levaram anos para saírem. Por que esta permanência é persistente?

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo qualitativo com a utilização de entrevistas semiestruturadas, tendo como objetivo coletar os depoimentos, narrativas e informações de mulheres que sofreram agressão de seus respectivos maridos ou companheiros. Foram localizadas e realizadas as entrevistas nas regiões de Ceilândia, Taguatinga e Samambaia. Todas sofreram violência doméstica, foram vítimas dos seus parceiros íntimos afetivos, de maneira reiteradamente. As mulheres foram indicadas pelo Provid – Prevenção Orientada à Violência Doméstica de Samambaia, Pró-Vítimas da Ceilândia, CEAM - Centro Especializado em Atendimento à Mulher e indicações de colegas em comum. Não houve uma pré-seleção, foram ouvidas as mulheres que se dispuseram a falar sobre o problema.

No total, foram ouvidas oito mulheres, sendo 3 (três) de Samambaia, 3 (três) da Ceilândia, e 2 (duas) de Taguatinga. Das oito mulheres ouvidas, 6 (seis) romperam

⁸<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contras-as-mulheres/> pesquisa realizada em 20/05/2016.

definitivamente, 1 (uma) mora na mesma casa, mas não vivem como casal, e 1 (uma) mantém um relacionamento íntimo-afetivo com o agressor (namoram).

Seis entrevistas foram realizadas na residência das vítimas, 1 (uma) na minha residência e 1 (uma) entrevista foi realizada no Pró-Vítimas da Ceilândia.

Das oito vítimas, 2 (duas) denunciaram na delegacia e estão com medida protetiva, por terem sofrido ameaça de morte; 2 (duas) não denunciaram na delegacia, mas procuram ajuda, sendo que 1 (uma) procurou o CEAM da Ceilândia e a outra o Pró-Vítimas da Ceilândia e as outras 4 (quatro) não procuram nenhum tipo de ajuda.

É difícil para a mulher tomar a decisão de quebrar o silêncio sobre sua situação de violência.

“Pra ela denunciar e ter força de vontade. Porque difícil é, mas se você não tiver força de vontade, não consegue não. Se ela tiver força de vontade, ela consegue. Ela tira até de onde não tem, mas consegue”.
(Maria)⁹

O CEAM proporciona acolhida, acompanhamento psicológico, social e orientação jurídica às mulheres em situação de violência, (violência doméstica e familiar contra a mulher-sexual, patrimonial, moral, física, psicológica, tráfico de mulheres, assédio sexual; assédio moral, etc.).

A Chefe do CEAM da Ceilândia, Sra. Érica do Santos Laurindo, disse que a unidade atende em média de cinquenta mulheres por mês, porém destaca que esses dados flutuam, mas tem um quantitativo de mulheres em atendimento. O acompanhamento é agendado de acordo com a necessidade de cada caso, podendo ser semanal, quinzenal ou mensal¹⁰.

O Policiamento de Prevenção Orientado à Violência Doméstica – PROVID - é baseado na filosofia de polícia comunitária e atua no enfrentamento de conflitos que ocorrem em âmbito privado, tendo como objetivos prevenir, inibir e interromper o ciclo da violência doméstica, por meio do policiamento ostensivo e das visitas comunitárias. Além dos acompanhamentos e monitoramentos periódicos das famílias, o PROVID promove ações educativas por meio de

⁹ Nome fictício dado a TH, de 17 anos, moradora da Samambaia. Entrevista concedida em 07/12/2015

¹⁰ Entrevista concedida em 05/11/2015.

palestras que reforçam o papel da PMDF na efetivação dos direitos, em especial à proteção do Estado e da família.

O PROVID atendeu até o mês de setembro de 2015, um total de 5.354 famílias. Dentre os atendimentos de natureza variada estão abandono de incapaz, ameaça, cárcere privado, estupro, injúria, lesão corporal, maus tratos, tentativa de homicídio e vias de fato. Os policiais militares acompanham os casos de violência doméstica enquanto julgarem necessário, em muitos casos os casais reatam e não há mais a necessidade de acompanhamento, em outros casos, há o rompimento e o companheiro mantém o acordo de ficar longe da mulher que foi agredida¹¹.

Segundo a Sargento Silésia, do 11º Batalhão da Polícia Militar da Samambaia, muitas mulheres não aceitam o acompanhamento oferecido pelo Provid e chegam a ser grosseiras e dizem “ O que vocês querem aqui? ” “O que você tem a ver com a minha vida? ” “A vida é minha e eu fico se eu quiser”. Os casos são repassados pela 27ª Delegacia da Samambaia e muitos casos não conseguem ser acompanhados porque as vítimas mudam de endereço, ou são endereços inexistentes ou porque a agredida se nega receber ajuda¹².

Pró-vítima: atendimento e apoio multidisciplinar a quem precisa de justiça. Criado pela Secretaria de Justiça, o "Pró-Vítima" faz parte do Programa de Inclusão e Cidadania (PIC) e tem por objetivo assegurar apoio e acompanhamento psicossocial e jurídico, desde o primeiro momento, às vítimas e familiares atingidas por crimes violentos. O Pró-vítima está composto por defensores públicos, psicólogos, assistentes sociais, e estagiários de psicologia, assistência social e direito¹³.

¹¹ Fonte: Polícia Militar do Distrito Federal

¹² Entrevista concedida em 05/12/2016.

¹³ Fonte: Defensoria Pública do Distrito Federal

**QUADRO DO PERFIL SÓCIO DEMOGRÁFICO DAS MULHERES
AGREDIDAS - BRASÍLIA 2015/2016**

NOME/ AGRESSÃO	IDADE	CIDADE	COR	HOUE DENUNCIA?	BUSCOU AJUDA? ONDE?	SITUAÇÃO ATUAL
“Sofia” Física e psicológica	34	Samambaia	Morena	Sim	Polícia/ PROVID	Separada. Namorando com outro
“Carol” Física, sexual, psicológica	34	Ceilândia	Afrodescendente	Não, porque tenho medo dele.	CEAM – Ceilândia	Separada
“Lili” Física e patrimonial	37	Nasceu no Piauí. Mora em Samambaia	Parda	Não, por medo, não queria ver ele preso e ficava pensando nas crianças.	Não	Divorciada
“Nara” Psicológica, sexual e patrimonial.	41	Nasceu na Bahia. Mora Ceilândia	Morena	Não, porque o meu filho pediu para não denunciar.	Pró-Vítima da Ceilândia	Moramos na mesma casa, mas não somos um casal
“Amanda” Psicológica	28	Taguatinga	Afrodescendente	Não, porque eu também sou ciumenta.	Não	Namorando
“Sarah” Psicológica	45	Nasceu em Anápolis. Mora em Taguatinga	Branca	Não. Eu fiz um acordo com ele. Abri mão da pensão para ele me deixar em paz	Não	Divorciada
“Maria” Física, psicológica	17	Samambaia	Morena	Sim	Polícia/ PROVID	Separada
“Angel” Física e psicológica	30	Nasceu no Maranhão. Mora em Ceilândia	Parda	Não. Porque é o pai dos meus filhos	Não	Estou casada (morando) com outro.

Criado por Lindamar Rosendo da Silva em 30/05/2016.

A partir da observação do quadro do perfil sócio demográfico das mulheres que concederam a ser entrevistadas pode-se destacar algumas características que tem sido recorrentes, por exemplo, das 8 entrevistadas, sete se declaram mulheres não brancas (morena, parda e afrodescendente), apenas uma se declarou branca. Vale lembrar que o Mapa da Violência de 2015, Homicídio de mulheres, informa que houve um aumento de mais de 50% de mulheres negras assassinadas, nas últimas três décadas. Outra característica, são majoritariamente jovens, em plena idade reprodutiva, apenas duas tem mais de 40 anos. Todas as entrevistadas tiveram filhos com o seu companheiro (agressor). Maia e Angel voltaram a estudar somente após a separação, Maria está 7^a ano (primário) e Angel finalizou recentemente

o Ensino Médio e iniciou um curso Técnico em Segurança no Trabalho. Lili, Amanda e Sarah têm nível superior. Carol e Nara conseguiram concluir o Ensino Médio antes de se casarem. Sofia não informou em qual série parou, mas não concluiu o Ensino Médio e não estava estudando na época de realização deste trabalho.

Outra observação importante, é que das oito mulheres entrevistadas, apenas duas fizeram a denúncia na delegacia, segundo as outras seis vítimas, os motivos de não denunciarem foram o medo e o fato do casal ter filhos.

Cinco delas estão separadas dos seus agressores. Sofia disse que os seus relacionamentos após o primeiro casamento, sempre foram com homens mais novos e que agora está namorando com um homem mais velho, para ver se dar certo.

“ (...) eu comecei um novo relacionamento, só que com um homem mais velho, porque eles são tudo mais novo do que eu. Né? Os dois últimos relacionamentos. E esse é um homem bem mais velho. Optei de me envolver com homem mais velho agora, pra mim ver se é diferente”.

Lili está aguardando um homem que aceite ela e os dois filhos, disse que já tentou iniciar um namoro algumas vezes, mas não deu certo. Agora aceitou uma proposta de um relacionamento sem compromisso, para ver o que vai dar e até agora está indo bem.

“ O rapaz que eu estou me relacionando me trata bem, é muito bom estar com ele, o meu medo é do meu ex-marido descobrir, porque eles são amigos, mas eu não o via há muito tempo, encontrei com ele por acaso, mas fazer entender isso que é complicado”. (Lili)

Sarah está sozinha, disse que tentou outros relacionamentos, mas parece que os homens têm preconceito com mulheres separadas, principalmente com as que têm filhos, não tem muita esperança de se casar novamente, não por falta de vontade, mas por falta de sorte.

Maria, a mais jovem de todas as entrevistadas, parece a mais desanimada em iniciar um novo relacionamento, pois disse que não quer saber de ninguém na vida dela, porque o único amor verdadeiro é o de mãe e filho.

“A gente não precisa de homem pra nada. Pra nada a gente precisa de homem. Se a gente quiser, a gente tem tudo que quiser na vida”.
(Maria)

Carol não informou se está em um novo relacionamento.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1. *A violência de gênero e a recusa da ruptura por parte da mulher*

Tânia Mara Campos de Almeida, diz em seu artigo “*Corpo feminino e violência de gênero*” (maio/agosto 2014, p. 329/330) que ao se optar pela modalidade “violência de gênero”, vê-se que as ações violentas são produzidas em contextos e espaços sociais relacionais, quer sejam interpessoais, quer sejam da ordem impessoal, ou de grandes guerras. Isto é, não se refere a atitudes de fazer sofrer, ou aniquilar o outro que seja alguém considerado igual, ou que é visto nas mesmas condições de existência e valor que o/s seu/s perpetrador/res. A centralidade das ações violentas (físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais) incide sobre a alteridade do feminino na esfera doméstico familiar, na esfera pública e na esfera dos conflitos internacionais. O movimento feminista e o movimento de mulheres, em suas diferentes gerações, matrizes de pensamento e tendências políticas, vêm declarando a expressiva concentração deste tipo de violência sobre os corpos femininos situados em cenas rotineiras de assimetria frente aos corpos e aos polos superiores do poder masculino durante um longo período da história da humanidade até os nossos dias. A atuação e as reivindicações da militância feminista criaram as condições históricas, políticas e culturais necessárias ao reconhecimento da legitimidade e da gravidade da questão, aliando-se a esforços acadêmicos para dar visibilidade sociológica a essa violência entre os muros universitários, entre os governos e no seio da sociedade civil. Contudo, apesar de avanços na seara dos direitos, da disseminação de programas que protegem esses direitos, da mudança de mentalidade e do reconhecimento jurídico nacional e internacional da cidadania das mulheres e demais grupos feminizados em igualdade à dos homens, a realidade evidencia uma expressiva quantidade de casos de violências, que têm se apresentado cada vez mais truculentos e cruéis. Afinal, resistências conservadoras se revelam em centenas de espaços sociais e sob formas variadas contra a efetivação de novas relações entre homens e mulheres. Novamente confirma-se que a violência de gênero constitui-se em fenômeno social persistente, multiforme articulado por facetas psicológica, moral, físico e econômico, tanto em nível micro, como macrosociológico. Nesse espaço, a violência contra as mulheres tem deixado de caracterizar-se como simples efeito secundário das guerras para transformar-se em exibição de espetáculo de poder. Emerge agora uma “pedagogia da crueldade” contra aquelas que não desempenham o papel antagonistas armadas nos embates, sendo vítimas sacrificais por ser nelas que se inscreve a mensagem de soberania destinada ao antagonista.

Segundo a autora, “a violência contra as mulheres atua como dispositivo de poder masculino para restabelecer ou manter, simultaneamente no nível individual e coletivo, as posições de domínio varonil e atuar como instrumento de controle para conter as transgressões das mulheres aos tradicionais regimes de gênero, que estariam experimentando transições produzidas por sua inserção no espaço cultural-simbólico, na vida pública e no mercado de trabalho. A provável causa para uma sociologia da violência de gênero e do feminicídio é a expressão de uma resposta emocional reativa, instrumentalizada dos homens para manter ou recuperar as fronteiras de gênero socialmente estabelecidas, mantendo ou defendendo as prerrogativas e os privilégios masculinos diante do rebaixamento que representam as margens de empoderamento físico, econômico, especialmente, obtidos pelas mulheres nas três últimas décadas”.

“Ele tinha ciúmes dos colegas de trabalho, dos cobradores, até a sombra que passava perto de mim”. (Sofia)

De acordo com Almeida (2003, p. 99), a negligência quanto à complexidade da violência de gênero coloca em risco “as possibilidades de assistência às vítimas”, o que pode reiterar sua vulnerabilidade e risco de vida e de morte, bem como aumentar a distância da condição de sujeito de direitos.

“Quando estávamos com seis anos de casados, ele chamou um amigo e fizeram um churrasco na minha casa. Eles estavam bebendo e a minha irmã ficou se oferecendo pra ele, tanto pra ele, como para o amigo dele. Eu fiquei observando aquela situação e chamei ele pra dentro de casa e cobreí dele uma satisfação. Ele me agrediu, me deu vários murros e eu não revidei, porque antes eu revidava e aí eu me senti o pior ser humano do mundo”. (Lili)

No juízo comum, o homem olhar e desejar uma mulher que não seja a “sua” é normal, porque para o homem “machista” não é a qualidade da mulher que faz com que ele seja respeitado, mas sim a quantidade. Ser casado ou não é apenas um detalhe, o sentimento da esposa, ou da companheira é irrelevante, porque o importante é saber como amigo vai considerá-lo, talvez seja um “garanhão”, um “pegador”. Esse comportamento foi aceito por muito tempo na sociedade machista patriarcal e muitas mulheres sofreram caladas, por não terem direito de exigir o respeito. Mas hoje a mulher busca seu direito de igualdade e respeito, todavia, muitas vezes são caladas com atos violentos.

A violência doméstica não começa com agressão física, necessariamente, há situações em que as agressões se iniciam com a violência moral: humilhações, xingamentos, ameaças, depreciação física, depreciação moral, desqualificação pessoal e profissional, entre outras.

“(…) os avanços na luta dos movimentos feminista e de mulheres ainda não se traduzem em rupturas em todas as esferas da vida de muitas mulheres. O caminhar entre o novo e o velho garante a manutenção do patriarcado, estrutura hierárquica, que confere aos homens o direito de dominar as mulheres, independentemente da figura humana singular investida deste poder” (SAFFIOTI, 2008, p.153).

BANDEIRA (2000, p.11) diz que “A maneira como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um imenso aprendizado sócio cultural, que os ensina a agir conforme as prescrições e normas sociais e de gênero que foram/são estabelecidas como determinantes e hegemônicas. Há uma expectativa social e de gênero em relação às maneiras de como os homens e mulheres devam atuar nos espaços públicos e privados: seja no vestir, no andar, no mostrar o corpo, na prática da sexualidade, no exercício dos cuidados, nos gastos e administração do dinheiro, no lazer, ingerir bebidas, dentre outros”.

“O nosso relacionamento era assim: Ele mandava e eu obedecia, mas agora criei coragem e saí de casa e da vida dele. Quero seguir a minha vida” (Carol)¹⁴.

O rompimento se dá por vários motivos e todos após muito sofrimento. Sofia fugiu do primeiro marido porque estava cansada de apanhar e disse que se não tivesse fugido não estaria viva hoje. Do segundo marido ela rompeu após ela ter reagido a agressão com uma facada na barriga dele. Do seu namorado (o denunciado), porque ele quis agredir uma de suas filhas e seu genro. Maria, após terminar e voltar cinco vezes, só teve coragem de romper após ser agredida na frente do seu filho de dois anos. Lili disse que só rompeu, porque o marido começou a se envolver com coisas erradas e acabou envolvendo ela na situação e não quis dar satisfação, pelo contrário, xingou-a e a humilhou. Carol disse que não suportou mais ser agredida na frente do filho e da família; o filho já estava com o rendimento escolar ruim, porque tinha medo do pai. Angel teve medo de o pai ser exemplo para os filhos e eles se tornassem usuários de drogas e aquilo não era para ela e seus filhos. Sarah foi cansando de tudo, das vergonhas e das insistências dos amigos e parentes que a pediam para sair desse relacionamento; disse que não havia agressão física, mas se sentia sufocada com o ciúme doentio, que todos percebiam.

¹⁴ Nome fictício dado a ED de 34anos, moradora da Ceilândia, Entrevista realizada em 25/04/ 2016.

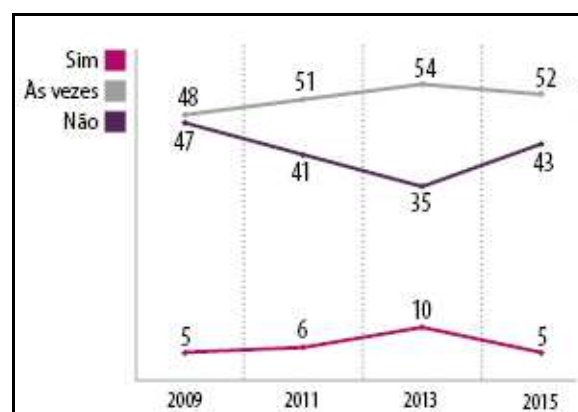
“ Um dia um amigo meu bombeiro disse que não queria atender uma ocorrência em que eu fosse a vítima e eu brinquei dizendo, fica tranquilo, nesse corpinho, você não põe a mão”. (Sarah)

Segundo MELO (2007, p.3-4), “a violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido. E o desconhecimento de seus direitos também faz com que as mulheres agredidas se calem”. Vejamos o que diz Sofia:

“Quando eu estava com o pai das minhas filhas eu nem sabia o que era violência, acho que nem tinha Maria da Penha. O pai do meu filho foi só uma vez. Depois não teve mais agressão nenhuma”.

Percebe-se um grande despreparo da mulher para assumir um relacionamento pessoal ou amoroso, uma vez que mesmo sofrendo tantas agressões físicas e psicológicas do marido, a mulher busca um novo parceiro com o mesmo perfil psicológico. Provavelmente as razões para o despreparo estejam relacionadas a falta de formação, que dificulta a busca por um emprego digno e conseqüentemente a melhoria da condição de vida.

Gráfico 3 – A mulher é bem tratada pelo homem?



Fonte: Fonte: DataSenado (11 de agosto de 2015)

O crescimento da percepção do desrespeito contra a mulher: 43% das pesquisadas não se consideram respeitadas hoje, contra 35% de 2013. Apenas 5% consideram que as mulheres são respeitadas no Brasil. A mulher é sempre alvo de piadas machistas e preconceituosas. Como: “Lugar de mulher é na cozinha”. A mulher só deve pilotar fogão”. “Nem todas mulheres

se realizam no fogão. Muitas só encontram a felicidade no tanque”. “Todo homem é a favor das feministas. Principalmente aquelas de pernas alongadas, bumbum empina Dinho, seios firmes e olhos verdes”. “Mulher é que nem cachaça. No começo é ótimo, mas depois é só dor de cabeça”. “A maneira mais cara de ter sua louça lavada de graça é casando”. “Nem todas mulheres gostam de apanhar, só as normais” (Nelson Rodrigues). “Mulher é igual a bolinha de borracha: quanto mais forte você joga ela contra a parede, mais rápido ela volta para você”. (As frases machistas foram retiradas do site)¹⁵.

“Apesar de ter sido registrado um avanço na consolidação dos direitos da mulher no mundo, no início do século XXI ainda não se pode dizer que as mulheres desfrutem dos mesmos direitos que os homens. As mulheres continuam a ser subjugadas e ainda têm dificuldade de acesso à educação, à saúde e a melhores empregos. A questão de violência física e psicológica contra a mulher continua a fazer parte da vida cotidiana da mulher. No entanto, são inegáveis os avanços políticos e sociais nas conquistas obtidas pelo segmento feminino, especialmente no cenário nacional. Mesmo assim, continuamos a assistir a um crescente número de atos de violência que afeta a saúde física e mental das mulheres e a de seus filhos” (MELO, 2007, p.43)

Pensamentos machistas têm suprimido o desejo da mulher de progredir na vida profissional e social, e também fazem com que elas escondam as agressões por vergonha da situação.

“[...] ele pode não saber por que bate, mas ela sabe por que apanha” (DIAS, 2008, p. 15).

Se o que levam esses homens à violência é o domínio do “poder”, então não pode esperar nada deles. Não há motivo para permanecer ao lado de um ser incapaz de respeitar e valorizar a mulher por suas habilidades e escolhas.

“Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. (BOURDIEU 2005, p. 07-08).

¹⁵<http://www.rivalcir.com.br/frases/machista.html>

5. LEI MARIA DA PENHA E CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA.

A Lei 11.340 diz ,no artigo 1º, que “ Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º, do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar”.

Esta lei ficou conhecida como Lei Maria da Penha (LMP)¹⁶, em homenagem à Maria da Penha Maia Fernandes, vítima de violência doméstica durante 23 anos de casamento. Em 1983, o marido por duas vezes, tentou assassiná-la. Na primeira vez, com arma de fogo, deixando-a paraplégica, e na segunda, por eletrocussão e afogamento. Após essa tentativa de homicídio ela tomou coragem e o denunciou. O marido de Maria da Penha só foi punido depois de 19 anos de julgamento e ficou apenas dois anos em regime fechado, para revolta de Maria com o poder público.

Em razão desse fato, o Centro pela Justiça pelo Direito Internacional e o Comitê Latino - Americano de Defesa dos Direitos da Mulher (Cladem), junto com a vítima, formalizaram uma denúncia à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, ocasião em que o país foi condenado por não dispor de mecanismos suficientes e eficientes para coibir a prática de violência doméstica contra a mulher.

A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006)¹⁷ “é uma lei escrita por mulheres e para mulheres. A lei define que a violência doméstica contra a mulher é crime e aponta formas de evitar, enfrentar e punir a agressão. A lei indica a responsabilidade que cada órgão público tem para ajudar a mulher que está sofrendo a violência. Com a Lei Maria da Penha, o juiz passou a ter poderes para conceder as chamadas medidas protetivas de urgência. Como o próprio nome diz, essas medidas servem para proteger a mulher que está sofrendo violência e são aplicadas

¹⁶https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_Maria_da_Penha

¹⁷<http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/livreto-maria-da-penha-2-web-1.pdf> (pesquisa realizada em 23/05/2016)

quando o juiz concorda com o pedido feito pela mulher. Algumas medidas são voltadas para a pessoa que pratica a violência, como afastamento do lar, proibição de chegar perto da vítima e suspensão de porte de armas. A aprovação dessa Lei foi um avanço para que surjam novos procedimentos para o acesso à justiça, trouxe o debate à sociedade, e deu transparência à problemática de violência contra a mulher”.

De acordo com o Artigo 7º da Lei 11.340, as formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras, são:

I - A **violência física**, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - A **violência psicológica**, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - A **violência sexual**, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - A **violência patrimonial**, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos;

V - A **violência moral**, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

A aprovação dessa Lei foi uma evolução para garantir os direitos da mulher. Todavia, algumas mulheres demoram a perceber e exigir os seus direitos.

6. BUSCANDO ENTENDER O PORQUÊ DAS AGRESSÕES.

A **Violência**¹⁸ é um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação moral a outra pessoa ou ser vivo. Tal comportamento pode invadir a autonomia, integridade física ou psicológica e até mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado. O termo deriva do latim *violentia* (que deriva de *vis*, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa.

Assim, a violência diferencia-se de força, embora sejam palavras que costumam estar próximas na língua e pensamento cotidianos. Enquanto que "força" designa, em sua acepção filosófica, a energia ou "firmeza" de algo, a violência caracteriza-se pela ação corrupta, impaciente e baseada na ira, que convence ou busca convencer o outro e, simplesmente, o agride.

Violência Doméstica¹⁹ abarca comportamentos utilizados num relacionamento, por uma das partes, sobretudo para controlar a outra. As pessoas envolvidas podem ser casadas ou não, ser do mesmo sexo ou não, viver juntas, separadas ou namorar.

Violência Doméstica contra as mulheres²⁰ é um fenômeno complexo e multidimensional, que atravessa classes sociais, idades e regiões, e tem contado com reações de não reação e passividade por parte das mulheres, colocando-as na procura de soluções informais e/ou conformistas, tendo sido muita a relutância em levar este tipo de conflitos para o espaço público, onde durante muito tempo foram silenciados.

A reação de cada mulher à sua situação de violência pode ser diferente. As reações devem ser vistas como forma de sobrevivência psicológica que cada uma ativa para suportar a vitimização.

¹⁸Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

¹⁹A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)

²⁰Idem. 31

“Até então eu não via nas nossas brigas, xingamentos como violência não, porque eu pensava que era comum briga de marido e mulher. Eu imaginava que todo mundo vivia aquilo e que tudo ia se acertar no final. Não foi isso o que aconteceu, cada agressão eu me sentia muito mal, sentimentos ruins que até hoje guardo dentro de mim mesmo estando separada por vários anos. ” (Lili)

Observa-se pela fala de Lili que, de alguma forma, a violência foi aprendida e incorporada nas relações cotidianas, e que é muito difícil causar um estranhamento sobre o que ocorre na vida cotidiana.

As mulheres encontram-se, na maior parte dos casos, em situações de violência doméstica pelo domínio e controle que os seus agressores exercem sobre elas através de variados mecanismos, tais como: isolamento relacional; o exercício de violência física e psicológica; a intimidação; o domínio econômico, entre outros. Observamos o que relata a entrevistada:

“Ciúmes. Queria que eu ficasse trancada dentro de casa. Queria que ele saísse e eu ficasse lá dentro, esperando ele voltar, com tudo pronto. Casa arrumada, comida pronta. Roupa lavada e passada. ” (Maria)

A cobrança do papel tradicional da mulher é feita assim como de ser obediente, passiva e resguardada do olhar alheio. Trata-se, pelo relato, de uma forma de violência materializada através do controle da mulher que deve restringir-se a um espaço e a certas atividades.

A violência doméstica não pode ser vista como um destino que a mulher tem que aceitar passivamente. O destino sobre a sua própria vida pertence-lhe, deve ser ela a decidi-lo, sem ter que aceitar resignadamente a violência que não a realiza enquanto pessoa. A agressão é um padrão de comportamento empregado para exercer poder e controlar outra pessoa mediante medo e intimidação, frequentemente incluindo a ameaça ou uso de violência. A agressão acontece quando uma pessoa acredita que ele, ou ela, tem o direito de controlar o outro. A entrevistada (Lili) exemplifica a situação de controle através do ciúme.

“Uma vez eu fiquei sabendo que ele ficava olhando as mulheres de roupinha curta na rua, até então eu me vestia honestamente, a partir desse dia eu decidi que eu ia me vestir igual as mulheres da rua. Aí os

amigos dele que frequentava a nossa casa, ficava olhando e ele não gostava e vinha tomar satisfação e a gente se agredia”. (Lili)

O depoimento exemplifica a relação de controle sobre o outro, perda da liberdade o que se constitui em uma forma de violência contra a mulher.

“Ele tinha ciúmes dos colegas de trabalho, dos cobradores, até a sombra que passava perto de mim”.(Sofia)

“Ele me batia por tudo, se eu usasse um short, se eu usasse um batom” (Sofia).

Ataques, agressão e violência doméstica são crimes. Agressões a membros da família podem ocorrer de muitas formas. Podem incluir agressão emocional, abuso econômico, abuso sexual, usar os filhos para manipular as emoções do cônjuge, ameaças, invocar privilégio masculino, intimidação, isolamento, e uma variedade de outros comportamentos utilizados para manter o medo, a intimidação, e o poder. A narrativa abaixo ilustra tais comportamentos de agressores:

“Ele me agredia na frente do meu filho, dos meus parentes. O meu filho tem medo do pai. Fui chamada na escola do meu filho, porque o rendimento na escola caiu muito. ” (Carol).

Segundo Pereira (2006, p.7), em todas as culturas, os agressores são geralmente os homens da família. As mulheres geralmente são as vítimas da violência. O abuso às crianças e o mau trato aos idosos também são comuns. Ato de violência doméstica geralmente ocorrem em uma das categorias seguintes:

- Agressão física - os ataques físicos do agressor, ou seu comportamento agressivo podem variar desde ferimentos ao assassinato. Começa frequentemente com atos dos quais procura se desculpar, como agressões triviais, que aumentam e tornam-se ataques mais frequentes e sérios. (Nara)²¹ relatou que:

“Eu dormia no chão, grávida do meu primeiro filho, tenho uma cicatriz na cabeça de um puxão de cabelo, que arrancou uma mexa”. (Nara)

- Violência sexual - ataques físicos pelo agressor são acompanhados frequentemente por, ou que culminam em violência sexual em que a mulher é forçada a ter relações sexuais com o agressor e/ou participar em atividade sexual não desejada.

²¹ Nome fictício dado a EG, de 41 anos, moradora da Ceilândia. Entrevista realizada em 09/05/2016.

“Um dia ele chegou bêbado e começou a me bater, me levou para o quarto e rasgou a minha roupa e abusou sexualmente mim”. (Carol)

- Agressão psicológica - as violências psicológicas ou mentais incluem abuso verbal constante, injúrias, possessão excessiva, isolar a mulher da família e dos amigos, privação de recursos materiais e econômicos, e destruição de propriedade pessoal.

“Ele me chama de molambo, de demônio, diz que sou feia, gorda. Isso abaixa a auto estima, não abaixa?” (Nara)

“Grande parte dos homens autores de violências contra suas parceiras dizem: ‘eu bati nela porque ela me tirou do sério, me irritou, a culpa é dela’. Quando a gente começa a analisar isso junto com eles e questionar – ‘por que você acha que tem direito de controlar a maneira como ela se veste? Por que você acha que ela deve cozinhar para você?’

“É quase impossível separar o que eles entendem como ‘ser homem’ e os direitos que isso lhes dá, da maneira que eles se comportam e de suas ‘atitudes’.” Marai Larasi, diretora executiva da Imkaan, organização não governamental feminista negra, e da *EndViolenceAgainstWomenCoalition* (Coalizão de Combate à Violência contra Mulheres) sediadas no Reino Unido.²²

Segundo Jacira Vieira de Melo, diretora executiva do Instituto *Patrícia Galvão*²³. “A violação dos direitos humanos das mulheres atravessa gerações e fronteiras geográficas e ignora diferenças de níveis de desenvolvimento socioeconômico. A violência está mais presente do que se imagina em diversas relações e acontece cotidianamente”.

7. DESMISTIFICANDO A VIOLÊNCIA

Na pesquisa Tolerância social à violência contra as mulheres (Ipea, 2014)²⁴, 63% dos entrevistados concordam, total ou parcialmente, que “casos de violência dentro de casa devem

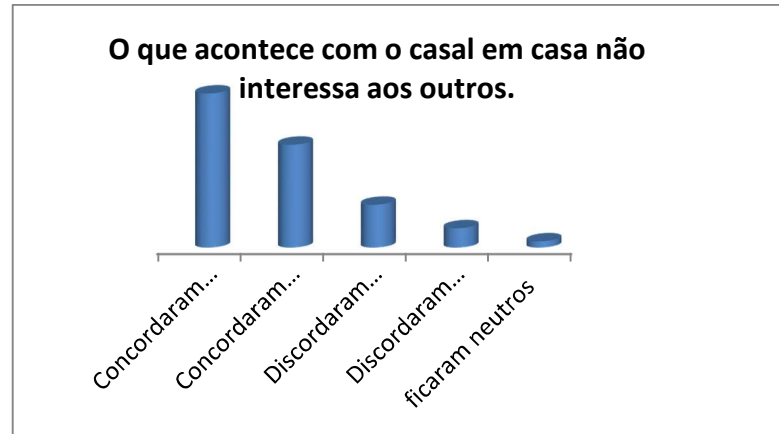
²² Fonte: Agência Patrícia Galvão: dossiê de violência doméstica e familiar contra as mulheres.

²³ Fonte: Agência Patrícia Galvão: dossiê de violência doméstica e familiar contra as mulheres.

²⁴ IPEA –27/03/2014 – (Pesquisa realizada no site em 20/05/ 2016)

ser discutidos somente entre os membros da família”. E 89% concordam que “a roupa suja deve ser lavada em casa”, enquanto que 82% consideram que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

Gráfico 4 - O que acontece com o casal em casa não interessa aos outros.



Fonte: IPEA –27/03/2014 – (Pesquisa realizada no site em 20/05/ 2016).

- 13,1% dos entrevistados discordaram totalmente;
- 5,9% discordaram parcialmente;
- 1,9% ficou neutro (não concordou nem discordou);
- 31,5% concordaram parcialmente e;
- 47,2% concordaram totalmente.

A Violência Doméstica está envolvida em alguns mitos, alguns têm servido para “perdoar” a violência e o agressor, outros para “culpar” a vítima. Estes mitos tornam a procura e o pedido de ajuda da vítima mais complicado, bem como contribuem para a falta de compreensão de terceiros acerca das reais questões que estão no centro da vitimização, por isso é necessário desmistificá-los.

Mariana Alvarenga Eghrari Pereira, em “Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica”, Seminário de Capacitação para juízes, procuradores, promotores, advogados e delegados no Brasil, Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos – FNEDH, p. 6-7, 2006, cita dez comentários mais comuns, que mistificam a violência.

1. “A violência doméstica só ocorre esporadicamente”.

A cada 15 segundos, uma mulher é agredida no país.

2. “Roupa suja se lava em casa”.

Enquanto o problema não for encarado como de saúde pública, os cofres governamentais continuarão a ser onerados com 6 aposentadorias precoces, licenças médicas, consultas internacionais. Os níveis de delinquência juvenil e repetência escolar continuarão altos e as mulheres continuarão a ser mortas.

3. “A violência doméstica só acontece em famílias de baixa renda.”

A violência é o fenômeno mais democrático que existe, não fazendo distinções de classe econômica, raça ou cultura.

4. “As mulheres apanham porque gostam ou porque provocam.”

Quem vive violência gasta a maior parte do seu tempo tentando evitá-la, protegendo-se e a seus filhos. As mulheres ficam ao lado dos agressores para preservar a relação, e não a violência.

5. “A violência só acontece nas famílias problemáticas.”

As famílias afetadas pela violência aparentam ser “funcionais.” Não há pesquisas comprovando que elas difiram de outros tipos de famílias.

6. “Os agressores não sabem controlar suas emoções”.

Ora, se assim fosse, os agressores agrediriam também chefes, colegas de trabalho e outros familiares, e não apenas a esposa ou os filhos.

7. “Se a situação fosse tão grave as vítimas abandonariam logo os agressores”.

Grande parte dos assassinatos de mulheres ocorre na fase em que elas estão tentando se separar dos agressores. Algumas também desenvolvem a síndrome do estresse pós-traumático, que as torna incapazes de reagir e escapar.

8. “É fácil identificar o tipo de mulher que apanha”.

Como já dito, a violência é um fenômeno democrático. Qualquer mulher pode se encontrar, em algum período de sua vida, vítima deste tipo de violência.

9. “A violência doméstica vem de problemas com o álcool, drogas ou doenças mentais”.

Muitos homens agredem suas mulheres sem que apresentem qualquer um destes fatores.

10. “Para acabar com a violência basta proteger as vítimas e punir os agressores”.

É necessário um processo educativo voltado à infância, para que as relações entre homens e mulheres sejam construídas, desde muito cedo, sem componentes de agressão para obtenção e manutenção do poder. É necessário também proteger as mulheres vitimizadas e promover, aos agressores, uma oportunidade de reflexão e mudança.

A violência psicológica não é apenas a ameaça. Também são formas de violência psicológica:

- Ameaças sutis;
- Desqualificação;
- Humilhações;
- Críticas constantes;
- Ironizar publicamente;
- Xingamentos,
- Fazer a pessoa duvidar de sua própria sanidade;
- Provocar culpa e confusão mental;
- Controlar os movimentos;
- Vasculhar pertences pessoais, como gavetas, celulares etc.;
- Usar os filhos para fazer chantagem;
- Isolar a vítima dos amigos e parentes;
- Provocar situações constrangedoras no ambiente de trabalho da vítima;
- Controlar, reter, tirar o dinheiro da vítima;
- Destruir ou ocultar documentos pessoais da vítima e de seus filhos;
- Maltratar animais de estimação da vítima com o claro propósito de atingi-la;
- Impedir que a vítima exercite suas crenças religiosas.

“Quando eu chegava do trabalho e ia para o banho, ele mexia no meu celular, na minha bolsa e até cheirava as minhas calcinhas”. (Sarah)²⁵

“Ele me xinga na frente dos meus filhos, mas fora de casa ele é um santo, ninguém acredita que ele é uma pessoa ruim (Nara).

“Ele quebrou o meu celular na parede, porque eu não deixei ele ver e não deixei, porque eu tinha anotado o telefone de um amigo. Tive medo dele brigar. ” (Sarah).

“Ele fez a cabeça delas, disse que eu tinha arrumado outro. Que eu ia largar elas. Que eu não gostava delas. Quando eu ia ver elas, elas se escondiam, aí eu parei de ir lá. Falei que não ia mais atrás delas. Que quando elas quisessem me ver, me procurassem. E elas me procuraram. Um ano elas me procuraram”. (Sofia)

Comete-se violência sexual quando se:

- Força ou obriga a vítima a manter relações sexuais (mesmo sem uso de violência física);
 - Forçar práticas sexuais que causam desconforto ou repulsa;
 - Obrigar a vítima a olhar imagens pornográficas, quando ela não deseja;
- Obrigar a vítima a fazer sexo com outras pessoas.

“Ele me forçava a ficar com ele, não com força, mas com palavras, insistia tanto que eu acabava cedendo e assim, veio o meu segundo filho”. (Nara)

8. ENTENDENDO O CICLO DA VIOLÊNCIA²⁶

Fase um: A criação da tensão

Nesta fase podem ocorrer incidentes menores, como agressões verbais, crises de ciúmes, ameaças, destruição de objetos, xingamentos, crítica constante, humilhação psicológica, e pequenos incidentes de agressão física. Há um aumento gradual da tensão, que pode durar de alguns dias a um período de anos.

²⁵ Nome fictício a LR de 45 anos, moradora de Taguatinga. Entrevista realizada em 11/05/2016.

²⁶http://midia.pgr.mpf.gov.br/hotsites/diadamulher/docs/cartilha_violencia_domestica.pdf

“Quando eu o conheci ele já bebia, mas não como ele bebe agora. Ele bebe muito e quando chega em casa, me xinga, me humilha. Ele só bebe nas sextas, aos sábados e nos domingos. Mas não sabe beber só uma latinha. Bebe até não suportar mais”. (Nara)

A mulher está atenta quanto a uma mudança no comportamento e na atitude de seu companheiro. O agressor torna-se progressivamente agitado e raivoso. A mulher demonstra precaução extrema com relação ao seu companheiro.

“Percebi que ele estava se transformando, quando ele estava me observando no trabalho, aí eu já sei que isso estava me incomodando. Porque o pessoal do meu trabalho já estava comentando, tava vendo e já estava estranhando. Aí eu já percebi que já tinha alguma coisa que não estava normal. Porque isso não era normal. Aí ele já começou a sair do serviço, ele já não ficava no trabalho mais”. (Sofia)

Nega que o abuso esteja acontecendo e tenta controlar a situação assegurando que refeições estão sendo preparadas, que a casa é bem cuidada e que os filhos têm bom comportamento. Um pequeno incidente de violência ocorrerá. A mulher procurará justificar a agressão.

O agressor sabe que o comportamento dele está errado e teme que sua companheira o abandone. A mulher, inadvertidamente, reforça os temores do agressor, retraindo-se para não perdê-la. A tensão entre o agressor e sua companheira fica insuportável. Estas expressões de tensão, hostilidade e descontentamento invariavelmente conduzem à fase dois.

“Ele me bateu por eu reclamar dele dar ousadia a minha irmã. Ela estava se insinuando pra ele e para o amigo dele. Eles estavam bebendo na minha casa. Depois me pediu desculpas, disse que perdeu a cabeça”. (Lili)

Fase Dois: o ato de violência

Existe um ato destrutivo principal de violência física contra a mulher. Frequentemente esta violência aguda é acompanhada por severa agressão verbal. Esta fase é mais curta que a Fase Um e que a Fase Três, e normalmente dura de duas a quarenta e oito horas. Nesta fase, a mulher sofre os danos físicos mais sérios.

A mulher consegue recordar frequentemente em detalhes a Fase Dois, o que o homem não consegue. O agressor parece saber como prolongar a violência em sua companheira, sem matá-la. O agressor pode acordar a mulher para bater nela.

“Ou eu separava dele, ou não estaria aqui hoje. Isso eu tenho certeza, porque ele não deixava eu estudar, não deixava eu ir na casa da mãe dele, não deixava eu passar um batom, não deixava eu fazer nada. E eu vi aquilo, se eu não fosse embora, se eu não fugisse, porque eu acho que eu fiz foi fugir mesmo, eu estaria morta, porque ele dormia com faca debaixo do travesseiro, eu trabalhava o dia todo com ele, até o dia que eu separei dele. Depois de seis meses eu fui mandada embora. Ele era o meu chefe na época. Então, se eu não tivesse separado, eu não estaria aqui.” (Sofia)

A mulher provavelmente negará a seriedade dos danos que sofreu para acalmar o agressor e assegurar o término da Fase Dois. Algumas vezes a mulher percebe a aproximação desta fase e acaba agindo de forma a provocar os incidentes violentos, por não suportar mais o medo, a raiva e a ansiedade. Ela inconscientemente sabe que esta fase é mais curta e que, logo em seguida, virá a fase da lua-de-mel.

“Eu gostava dele, queria que ele mudasse, voltasse a ser o homem carinhoso que conheci, por isso fiquei com ele, até o dia que não aguentei mais e deixei de acreditar que ele poderia mudar”. (Carol)

Fase Três: Fase Amorosa, tranquila (Lua de mel)

O agressor mostra-se arrependido com o comportamento que teve e age de forma humilde e amorosa, procurando se desculpar. Ele pode encher a mulher de presentes e desculpas e prometerá não ataca-la novamente.

“Teve uma vez que ele me agrediu e eu fiquei mais de um mês sem falar com ele. Aí ele ficou tentando fazer as pazes, tentando contornar, mas eu não estava conseguindo. Não conseguia dormir direito, ficava perturbada, pensava em morrer, mas eu era covarde até para isso, pra me matar, então a gente vai levando como dá”. (Lili)

VOCÊ SE SEPAROU DELE, QUANTAS VEZES?

“Umás cinco vezes.” (Maria)

O comportamento amoroso dele reforça na mulher a esperança de que ele mudará e muitos até começam a buscar um tratamento psicológico ou para alcoolismo. Isto normalmente

encoraja a mulher a manter sua relação de vida matrimonial. Mas, às vezes, não há nenhum comportamento amoroso na Fase Três, apenas a ausência de violência.

O agressor e a mulher aceitam de bom grado esta fase. O agressor se mostra encantado e manipulável. O agressor acredita que pode se controlar e nunca mais agredirá a mulher. Convence a todo mundo disso, usando frequentemente a família e os amigos para convencer a mulher a não romper o relacionamento com ele.

“Os amigos e familiares diziam: Está ruim com ele? Pior sem ele. É melhor vocês ficarem juntos e criarem o filho de vocês. Eu ouvi e olha a situação que eu estou agora.” (Nara.)

A mulher quer acreditar nele e se convence de que a intenção dele é verdadeira. A mulher recorda, pelo menos tem uma pequena lembrança, do amor que nutriu por ele no início de seu relacionamento. O agressor se mostra carente – não pode viver sem a mulher. A mulher sente-se responsável pelo homem. É durante esta fase que a probabilidade da mulher fugir é menor.

“Eu gostava dele, queria que ele mudasse, voltasse a ser o homem carinhoso que conheci, por isso fiquei com ele, até o dia que não aguentei mais e deixei de acreditar que ele poderia mudar”. (Carol)

“Ele prometeu que vai ser diferente agora”. (Amanda)²⁷

A Fase Três traz de volta a tensão, que provoca a Fase Um. O ciclo de violência começa novamente. Eventualmente, o remorso que o agressor sente na Fase Três vai dando lugar aos pequenos incidentes de agressão que caracterizam a Fase Um.

Cumulativamente, estas táticas de poder e controle têm os seguintes efeitos sobre a vítima:

- faz com que ela se sinta assustada sobre como ele irá agir.

“Eu casei com ele eu tinha treze anos, eu não conhecia nada da vida, nada, nada, nada. Então eu fui vivendo aquilo ali. Pra mim aquilo ali nunca ia acabar. Até que um dia eu fui vendo as coisas e vi que não era assim e a mãe dele me ajudou muito. Só que quando eu separei dele, foi uma separação tão rápida, que eu saí para trabalhar e não voltei mais. Ele me deu uma surra no final do ano, na virada de ano e eu não

²⁷ Nome fictício de JA de 28 anos, moradora de Taguatinga. Entrevista concedida em 12/05/2016.

voltei. Então, aí todo mundo achou assim, ah porque ela tem outro, mas não foi, é que eu não aguentei mais”. (Sofia).

- vive pedindo desculpas a outras pessoas pelo comportamento do companheiro.

“Ele me pediu desculpas, não aceitei de imediato. Ele até entrou em depressão”. (Amanda)

- acredita que ela poderá ajudá-lo a mudar, mudando primeiro seu comportamento.

“Eu me afastei dos meus amigos e colegas de trabalho. No trabalho eu falava só o essencial, para evitar que ele visse qualquer atitude que pudesse despertar o ciúme”. (Sarah)

- deveria nada fazer que cause conflito entre o casal, ou que deixaria o companheiro enfurecido.

“Só eu estava trabalhando, sustentando a casa, mas nunca joguei isso na cara dele, até porque, ele poderia reagir de forma bem violenta”. (Carol)

- acredita que não importa o que ela faça, ele jamais estará contente com ela.

“Eu arrumo a casa, lavo e passo. Ele diz que não faço mais do que a minha obrigação. Ele não me dá roupa, nem calçado. Não me dá nada”. (Nara).

- fazer sempre o que seu companheiro quer que ela faça em vez de fazer o que ela gostaria de fazer.

“Saí do meu emprego pra deixar ele mais seguro. Ele não gosta dos meus colegas de trabalho e tem ciúmes da amizade”. (Amanda).

- continuar vivendo com ele, porque tem medo do que ele faria se ocorresse a separação.

COM PAI DE SUAS FILHAS, FOI MAIS DE UMA VEZ?

Foi! Eu fiquei com ele dez anos e apanhei oito anos (Sofia).

9. POR QUE ELAS PERMANECEM OU PERMANECERAM POR MUITO TEMPO COM O AGRESSOR

Por vários motivos e todos muito complexos, algumas vezes, a mulher simplesmente não consegue romper com o agressor, seja porque tem medo de sofrer violência maior, seja por não ter condições econômicas de viver sem o agressor, ou simplesmente por acreditar que ainda poderá ser feliz com o homem, que ela escolheu para ser seu companheiro.

Mas afinal, por que as mulheres suportam tanto tempo uma relação violenta? Existem vários tipos de razões para que isso aconteça:

1 - Risco de rompimento da relação (medo de que o parceiro cumpra as ameaças de morte ou suicídio caso se separe mesmo dele);

“Ele dizia que se eu denunciasse, iria me matar”. (Carol)

2 - Vergonha e medo de procurar ajuda;

“ Eu sentia vergonha da situação que eu vivia, eu só falei das atitudes dele, depois que me separei. Como eu poderia falar para alguém que meu marido cheirava até as minhas calcinhas, para saber se tinha cheiro de sexo, quando eu chegava em casa, vindo trabalho”. (Sarah)

3 - Sensação de fracasso e culpa na escolha do par amoroso; esta pode se manifestar de maneira pouco visível, por exemplo quando há reincidência de relacionamentos violentos como exemplifica o depoimento abaixo da Sofia:

“Olha! Eu vou falar um negócio pra vocês. Não é a primeira vez que eu sou agredida em um relacionamento. Esse já é o terceiro. O pai das minhas filhas também fez coisas comigo até piores. Esse já o terceiro e o pai do meu filho que também fui casada, ele me agrediu uma vez, mas aí eu furei ele com uma faca, mas aí também ele nunca mais tentou me agredir”

4 - Esperança de que o comportamento do parceiro mude e de que ela (ou um tratamento milagroso poderiam ajudá-lo a mudar);

“Eu não queria ver ele preso, queria que ele mudasse e pudéssemos ser felizes para sempre”. (Lili)

5 - Isolamento da vítima, que se vê sem uma rede de apoio adequada (família, trabalho, suporte dos serviços públicos):

“Eu fiquei separada dele por seis meses, antes de separar definitivamente. Os meus colegas de trabalho não queriam que eu voltasse, porque disseram que eu era mais alegre e comunicativa longe dele. Uns dois meses depois eu engravidei e quando eu falei pra minha família eu ouvi da minha irmã que agora eu achei o que eu queria. A minha mãe disse fazer o que né? Eu me senti sozinha. Eu separei pela segunda e última vez, grávida de quatro meses”. (Sarah)

6 - Despreparo da sociedade, das próprias famílias e dos serviços públicos ou particulares para lidarem com este tipo de violência (profissionais mal preparados e preconceituosos);

“Ele me deu uma surra no final do ano, na virada de ano e eu não voltei. Então, aí todo mundo achou assim, ah porque ela tem outro, mas não foi, é que u não aguentei mais”. (Sofia)

7 - Obstáculos reais que impedem o rompimento (disputa pela guarda dos filhos, boicote de pensões alimentícias, chantagens e ameaças);

“Para eu conseguir a separação, eu tive que abrir mão de tudo, da casa, dos bens materiais, ele dizia que se eu quisesse separar eu ia sem levar nada, e assim foi”. (Lili)

8 - Dependência econômica de algumas mulheres em relação aos seus parceiros, bem como falta de qualificação profissional e escolaridade;

“Dependia pra tudo até o dia que ele me pôs pra trabalhar, mas o acordo que eu fiz com ele foi de eu ficar um ano trabalhando e depois saísse. Quando chegou um ano, ele quis que eu saísse e eu disse que não ia sair. Consegui ficar ainda seis anos”. (Sofia)

9 - Crenças religiosas (“casamento é para sempre, tenho que aguentar).

“Com esse marido eu tenho aguentado, lutado para dar certo, porque eu sei que Deus tem uma obra comigo e ele junto. Eu sei que ele vai mudar e eu também. Né? ” (Angel)

“Se fosse hoje eu não separaria dele, porque na religião a gente aprende a perdoar e conviver”. (Lili)

10 - Preocupação com a situação dos filhos caso se separasse do companheiro.

*“(...) Como eu estava desempregada, tudo que ele exigia eu fazia, porque eu queria continuar casada com ele para criar as crianças”.
(Lili)*

Questionário adaptado por Juliana Paim Psicóloga (Casa Abrigo/ DF)²⁸

10. OBSERVAÇÕES GERAIS

Através dos depoimentos pude perceber que algumas insistências em permanecer com o agressor estão relacionadas a:

Falta de estrutura familiar;

“Eu casei com ele eu tinha treze anos, eu não conhecia nada da vida, nada, nada, nada. Então eu fui vivendo aquilo ali. Pra mim aquilo ali nunca ia acabar. Até que um dia eu fui vendo as coisas e vi que não era assim e a mãe dele me ajudou muito. Só que quando eu separei dele, foi uma separação tão rápida, que eu saí para trabalhar e não voltei mais. Ele me deu uma surra no final do ano, na virada de ano e eu não voltei. Então, aí todo mundo achou assim, ah porque ela tem outro, mas não foi, é que eu não aguentei mais” (Sofia).

Evidente que uma menina que casa com 13 anos não terá noção da vida, na verdade seu depoimento informa o quanto ela foi vítima, de sua falta de informação, da condição de exclusão na qual sempre viveu, assim como da vulnerabilidade que se caracterizou sua vida.

Dependência financeira;

“Eu não tenho pra onde ir. Não posso trabalhar com os filhos pequenos. Eu lavo passo e cozinho e ele diz que não faço mais do que a obrigação. Ele não me dá nada, a não ser o “teto” para eu me abrigar” (Nara).

Histórico familiar;

“Eu, minha mãe e minha avó nos casamos novas. Vivemos uma vida de violência” (Maria).

²⁸Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica- Seminário de Capacitação para juízes, procuradores, promotores, advogados e delegados no Brasil,2006.

Vínculo afetivo;

“Nós já namoramos, noivamos, moramos juntos, separamos várias vezes e agora estamos namorando” (Amanda).

Influência da sociedade e da família;

“Meus primos e meus vizinhos disseram: “Se é ruim com ele, pior sem ele”. “É melhor criar o filho de vocês”. Eu fui ouvir o conselho, agora estou com três filhos, vivendo de ”favor” com o pai dos meus filhos, que me humilha o tempo todo”. (Nara)

A fala da Nara exemplifica a importância que a mulher atribui aos outros, os de fora, sobretudo, quando se trata de familiares. Há com certeza uma pressão, que acaba por reduzir a capacidade de pensar e de tomar decisões, sobretudo, quando é referida aos filhos.

Sentimento de culpa;

“Eu achava que era normal pela situação, por eu ter provocado a ira dele, então pra mim era normal pela situação, não por eu já ter presenciado”. (Lili)

Através da fala da Lili, percebe-se que a mulher muitas vezes se sente culpada pela reação do marido, acredita que não esperou o momento certo para falar, nem usou as palavras certas, que poderiam ter evitado o conflito, a agressão.

Percebe-se então que há vários fatores que dificultam o rompimento com o agressor, com isso a vítima se submete por muito tempo a um relacionamento falido. Muitas quando saem, não conseguem manter um novo relacionamento, como mostra os depoimentos a seguir.

“Acho que só existe um amor. Só de mãe pra filho e de filho pra mãe. Agora de homem, não existe não”. (Maria)

“Não tenho raiva de nenhum deles. Mas eu não acredito em amor de homem. Não confio mais”. (Sofia)

“Quando eu conseguir um lugar para mim e os meus filhos, eu nunca mais quero saber de homem na minha vida. Quero viver só eu e os meus filhos”.(Nara)

A falta de esperança de construir uma nova história apagando as magoas e sem um lugar que sirva de apoio, “porto seguro”, as mulheres se sentem presa a uma situação que não

desejam, mas tem medo de sair e a tentativa de uma nova chance, ser pior do que a vida que elas estão se submetendo.

VOCES INCENTIVAM ESSAS MULHERES ABANDONAREM OS SEUS PARCEIROS?

“Não! A mulher tem que ser senhora da sua própria vida. Então ela que tem que saber qual é o melhor para a vida dela. A gente tenta ser imparcial, a gente tenta não influenciar na decisão dela. O que a gente quer é que ela seja forte o suficiente para tomar uma decisão. A gente tem caso de sucesso de mulheres que permaneceram com seu parceiro, mas a postura dela dentro de casa mudou e ele mudou. Porque a maioria das mulheres que chegam no CEAM querem é que o parceiro mude, isso nem sempre acontece, mas pode ser que aconteça também. As vezes na mudança de postura dela, já dá para ver “ (Érica Laurindo)²⁹

VOCÊ ACHA QUE A LEI MARIA DA PENHA É EFICAZ? É O EFICIENTE PARA AJUDAR AS MULHERES?

“Não! Eu acho que não é. Porque tem muitas mulheres que tem medo de denunciar, porque essa lei não tá certa. Sabe por quê? A gente vai denunciar o agressor, eles vêm e pegam o agressor. Com quinze dias, eles soltam”. (Sofia)

“Às vezes a mulher não vai na delegacia pra denunciar, porque ela sabe que ele vai sair. Isso não podia. Não podia pagar pra soltar. Eu acho que ele tinha que ficar preso sim”. (Sofia)

“(…) eles falam pra gente, se ele chegar perto de vocês, vocês liga pra gente. Mas se ele chegar perto de você, você morre. Ele mata você. E aí? Vai adiantar o quê? Nada!”. (Maria)

“O meu marido me ameaçou foi dentro da delegacia. Ele estava com o olho desse tamanho aqui. Ele me ameaçou foi dentro da delegacia. Pagou três mil e saiu, depois de quinze dias”. (Maria)

“Eu acredito sim, mas não posso confirmar, porque nunca denunciei”. (Sarah)

“Pelo que ouvi no CEAM, a Lei funciona, mas não vou denunciar, porque tenho medo dele e por causa do meu filho (Carol)

“Não sei”. (Amanda)

²⁹ Chefe do CEAM da Ceilândia – Entrevista realizada em 05/11/2015

“Eu acho uma lei é falha, porque eu vejo aí muita gente com medida protetiva e o cara vai lá e mata”. (Lili)

“Sim! Eu não denunciei porque meu filhopediu. Mas a minha vizinha já denuncia e o marido dela saiu de lá preso. Eu estou seguindo os Conselhos da psicóloga, quando ele chega em casa bêbado eu não falo nada e não respondo as provocações dele e está dando certo. As brigas diminuíram”. (Nara)

“Eu não sei não. A gente vê na televisão a mulher que é assassinada pelo ex-marido ou ex-namorado e não adiantou nada a restrição de chegar perto”. (Angel)

“A gente tem muito pra avançar na área de segurança, a gente tem muito que avançar na área de assistência, na área de educação, porque a mulher na hora de superar essa situação de violência, ela se depara com uma série de dificuldades, então o estado também tem que estar preparado para dar o suporte necessário pra que ela consiga. Ela precisa de uma creche, porque se ela vai sair daquela relação, da casa, de certo a vida financeira dela vai ser mudada, mesmo que ela trabalhe, porque você divide as contas e de repente você vai ter que assumir as contas sozinha, até você regularizar a questão da pensão de menino, visita, tudo isso é um processo. Então o que ela precisa no primeiro momento é uma creche, logo de pronto e a gente sabe da dificuldade de conseguir vaga numa creche no DF”. (Erika Laurindo)

“Ele quer que eu trabalhe fora, mas como eu vou com três filhos pequenos? ”. (Nara)

QUAL É A MAIOR DOR QUE FICOU DESSE RELACIONAMENTO?

“Acho que foi esse de gostar e tá ali apanhando, mas estar ali”. (Maria)

O amor dá esperança de mudanças, de novas oportunidades, mas quando o sentimento é unilateral, não pode ter grandes resultados e com o tempo, as expectativas são frustradas.

“Eu acho impossível esse negócio de eu te amo. Pra mim esse negócio não existe”. (Sofia)

Vergonha. (Sarah)

“Lamento, por não ter criado os nossos filhos juntos. Eu acho que dei muito de mim e não fui valorizada”. (Lili)

QUAL O SENTIMENTO QUE VOCE TEM POR ELE HOJE?

“Acho que gostar, ainda gosto, mas de voltar, hum, hum! ”. (Maria)

“Antes eu o amava, agora quero ele bem longe de mim”. (Carol)

“Eu não tenho raiva de nenhum deles. Nenhum! ”. (Sofia)

“Não tenho nenhum sentimento. Nem lembro que ele existe. Sou grata pela vida do meu filho, mas essa gratidão é pra Deus”. (Sarah)

“A última vez que a gente se falou, ele me xingou e me desejou muitas coisas ruim, eu fiquei com muita raiva, mas hoje eu sou indiferente”. (Lili)

“Tenho pena. Espero que ela consiga ser feliz um dia”. (Angel)

POR QUE VOCÊ ROMPEU?

“Quero uma vida melhor para mim e o meu filho”. (Carol)

“Ou eu separava dele, ou não estaria aqui hoje. Isso eu tenho certeza, porque ele não deixava eu estudar, não deixava eu ir na casa da mãe dele, não deixava eu passar um batom, não deixava eu fazer nada. E eu vi aquilo, se eu não fosse embora, se eu não fugisse, porque eu acho que eu fiz foi fugir mesmo, eu estaria morta, porque ele dormia com faca debaixo do travesseiro”. (Sofia)

“Tudo! Por causa das agressões, principalmente porque toda vez que eu precisei dele, ele nunca me apoiou em nada. Sempre só eu que dava suporte pra ele, ele não dava nenhum suporte pra mim. Ele não cumpriu o papel dele como marido e nem como amigo”. (Lili)

“Cansei de passar vergonha com os ataques de ciúmes. Tive medo de evoluir para agressão física”. (Sarah)

Apesar da dor e do sofrimento, muitas conseguem romper, antevendo um futuro melhor para si e para seus filhos.

Das mulheres vítimas de violência doméstica que denunciaram os seus agressores, mesmo fragilizadas conseguem perceber que viver sem o agressor é possível, não foi o amor que fez continuar no relacionamento, o medo foi mais latente. Este medo perpassa os

11. CONCLUSÃO

A violência doméstica contra a mulher esteve firmada numa diferente distribuição de poder, firmada na subordinação feminina ao domínio masculino, seja de origem cultural (tradição familiar), ou religioso.

Quando a mulher propôs romper com o patriarcado, o homem tentou manter a sua posição de “chefe” medindo força bruta.

Como disse Dias (2008, p. 17), “O homem ditava as regras que regiam a casa e a mulher respeitava os ditames impostos. No momento em que ela assume responsabilidades que não estavam nos moldes preestabelecidos pela sociedade, ocorre uma explosão em que cada um usa as suas armas: ele, os músculos; ela, as lágrimas”.

Elas têm percebido o desrespeito por parte dos homens, como demonstra o gráfico 4, contudo apenas um grupo de mulheres tem reclamado, tem manifestado a sua indignação, as feministas. Será que querem mudanças, mas lhes falta coragem de romperem com o conservadorismo?

As mulheres que entrevistadas, sentem mágoa. Sonharam com uma vida de cumplicidade que se transformou em pesadelo e isso as deixou com traumas. Algumas disseram não acreditar mais no amor, outras ainda sonham com o amor perfeito.

O interessante e que me chamou atenção, foi o fato de estarem na igreja, com exceção da “Carol”, que está na igreja desde a adolescência, e Maria que não frequenta nenhuma, as outras passaram a frequentar após o fim do relacionamento amoroso, ou durante o conflito. Parece que estão buscando um milagre, um complemento, ou uma resposta do porquê de terem passado, ou estar passando por essa uma situação de violência. Mas será que a igreja está preparada para cuidar dessas feridas e traumas que essas mulheres carregam no corpo e na alma?

Como um relacionamento de promessas de amor pode ter transformado em mágoa, tristeza e dor? Será que a convivência foi transformando o ser amado em um homem violento com o tempo? Ou ele escondeu a sua personalidade até conseguir “conquistar”?

A baixa autoestima, não necessariamente se inicia com o casamento ou o relacionamento com um parceiro, mas pode ter origem familiar, ou seja, é anterior ao

relacionamento. A falta de estrutura familiar foi um causador de conflitos internos e fresta de possibilidades para um casamento, ou namoro falido. Famílias são dilaceradas pela violência, com isso as mulheres em busca de um socorro, tentam encontrar no casamento uma base para a construção de uma vida melhor, no entanto, acabam caindo na mesma situação ou numa situação pior de violência. Talvez o orgulho ou grau de violência sofrida na casa dos pais impeçam a mulher buscar refúgio no círculo familiar.

Trabalhar com adolescentes nas escolas através de palestras ou estudos sobre sexo, ajuda a desenvolver um senso crítico, capaz de reconhecer ou perceber um possível agressor. Trabalhos de capacitação técnica na comunidade e palestras que aborde família, violência, respeito, responsabilidades entre outros, ajuda as famílias carentes que necessitam de apoio psicológico e capacitação para o trabalho, assim, transformando famílias que estão vivendo em situação de conflitos ou preparando pessoas que desejam formar uma família, livres de violência.

Desse modo, os objetivos apresentados pelo estudo foram alcançados com relação às percepções das mulheres sobre violência, suas experiências e os efeitos no cotidiano, sobre si própria, sobre seus companheiros e acerca de seu relacionamento. A questão do por que algumas mulheres permanecem com o parceiro agressor necessita de uma maior apuração, todavia, acreditamos que certas desprezíveis hipóteses foram conhecidas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Suely Souza de; SAFFIOTI, Heleieth. **Violência de Gênero: Poder e Impotência**. Editora Revinter: Rio de Janeiro, 1995.
- ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; Dossiê: Gênero e Feminismo(s): novas perspectivas teóricas e caminhos sociais. Brasília, in: - Revista Sociedade e Estado – Vol. 29- Número 2; maio/agosto, 2014.
- BANDEIRA, Lourdes Maria, Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. Revista Sociedade e Estado, 2011 – Vol. 29- Número 2; maio/agosto, 2014.
- BANDEIRA, Lourdes. *Memorial*. Brasília: Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), 2005, mimeo.
- BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1999.
- CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. Violência Doméstica: análise da lei “Maria da Penha”, nº 11.340/06. Salvador, BA: Edições PODIVM, 2007.
- CORREA, Mariza. Os Crimes da Paixão. Coleção Tudo é História, nº33, Editora Brasiliense: São Paulo, 1981.
- Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos – FNEDH- 2006
- DIAS, Maria Berenice. **A Lei Maria da Penha na justiça: a efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008
- HERMANN, Leda Maria. **Maria da Penha lei com nome de mulher: violência doméstica e familiar**. Campinas: Servanda, 2007.
- MELO, Adriana Ramos de; Comentários à Lei de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. Editora Lumen Juris: Rio de Janeiro, 2007.
- PEREIRA, Mariana Alvarenga Eghrari; - Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica- Seminário de Capacitação para juízes, procuradores, promotores, advogados e delegados no Brasil, 2006.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. Coleção Brasil Urgente, Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2004.
- <http://www.apav.pt/vd/index.php/2011-05-02-12-33-35> (pesquisa realizada em 21/05/2016)

<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/familia-patriarcal-no-brasil.htm> (pesquisa realizada em 20/05/2016)

<http://dpdf.jusbrasil.com.br/noticias/1141958/pro-vitima-atendimento-e-apoio-multidisciplinar-a-quem-precisa-de-justica> (pesquisa realizada em 20/05/2016)

<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/08/em-seis-meses-df-registra-69-mil-casos-de-violencia-contra-mulher.html> (pesquisa realizada em 27/04/2016)

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf (Pesquisa realizada em 27/04/2016)

ANEXO No. 1**QUESTIONÁRIO (CASAS HETEROSSEXUAIS)**

1. Identificação (idade, escolaridade, trabalha, auto define em relação a raça/cor, região)
2. Número de filhos e local de moradia?
3. Estado civil?
4. Renda própria ou familiar?
5. O que te motivou a vir aqui? Centro de Apoio as mulheres vitimas de violência?
6. Como você se deu conta de que estava sendo agredida?
7. Que tipo de violência você sofreu? Conte um pouco como começou, se tem havido repetição, de que maneira?
8. Onde tem ocorrido a violência? Como tem ocorrido a violência?
9. A agressão tem relação com o ciúme ou com outro fator?
10. Ele lhe agride diante dos filhos ou de outras pessoas?
11. Você já o denunciou alguma vez? Se sim, explicar; se não, porque?
12. Se a violência é frequente porque você permanece na relação com ele?
13. Você já pensou em romper com ele?
14. Porque não denunciaram? Reincidência?
15. Relações de poder:/ de controle quem se atribui o mando em casa? Como ocorre esse 'mando' e esse controle?
16. Qual é a relação que você tem com seu agressor? (Repetir os elementos de identificação para ele.